

ninguém via chapéus ou meninos

vinícius novaes

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

OLHAR

Diante do medo do escritor para a tela em branco, fui impelido por algo sem negociação: o olhar do amigo peludo implorando por uma volta na rua. Domingo de chuva fina, começo de noite, inverno, algo em torno de 15 graus, segundo o celular. Enfim, a tela em branco sabe bem esperar. Vamos lá.

No portão que fecha a rua, um privilégio nessa cidade, nos encontramos com um morador de rua dormindo bem na entrada. Reparo no cobertor fino que o tenta cobrir, deixando para fora os pés pretos. Penso no que poderia fazer para amenizar aquela estadia forçada. No grupo da rua, feito para trocas de informações entre vizinhos, pisca uma mensagem: “tem uma pessoa dormindo no lado de fora do portão”. Em seguida, outra missiva virtual completa: “vamos nos certificar do portão estar trancado”. Ninguém se importou com a situação. Mas não fui o único.

Um outro vizinho, mineiro, recém-chegado, alerta para o vazio: “percebi que ele está com um cobertor muito fino. Alguém tem algum para doar, eu só tenho um aqui”, escreveu em vão. Articulamos no particular. Eu tinha uma manta, ele

uma sopa na geladeira. Esquentou a sopa, peguei a manta, nos encontramos no caminho.

Na volta, o vizinho mineiro me confidenciou: “preciso ressignificar minha vida aqui em São Paulo. Não consigo passar por uma situação como essa e só pensar no portão trancado, não consigo não pensar em como ajudar. Mas ao mesmo tempo, nessa metrópole, se eu for olhar para todos que encontro, eu vou enlouquecer”. O nome do vizinho mineiro é Vinicius, xará do autor desse livro. E foi do Vinicius autor desse livro que completei o raciocínio: “essa cidade não é para todos”.

Não é. Mas dessa dureza de concreto, também mora a poesia. Desde que se saiba olhar. Tapar os olhos pela saúde mental é uma escolha justa. Por desprezo, te faz um dos personagens que vai encontrar em alguns momentos das próximas páginas.

Conheci Vinicius Novaes na redação de uma emissora de TV no começo do século. Logo nos aproximamos: ao contrário da maioria ali, ainda que recente na profissão (“foca”, no jargão da área) Vinicius sabia olhar para todos os lados da história. Por isso, gostávamos de trocar sobre estilos de escrita, jeitos de contar histórias. Vinicius sempre se interessou pelo refinamento da técnica, do uso da literatura para envolver o leitor e dar luz a histórias de gente comum. Esse livro é a materialização de mais de uma década de esmero com as palavras – dado temporal que dou como certo, mesmo sem ter checado com o autor.

Porque tenho certeza de que Vinicius não escreveu e compilou esses textos somente para cumprir com a tríade “plante uma árvore, escreva um livro, faça um filho”. Ou

para ser mais um autor vazio de frases feitas sob medidas para serem compartilhadas em redes sociais. Vinicius sempre foi um escritor do cotidiano mesmo antes de colocar essas linhas no papel. É palpável em cada capítulo que o autor é feito da matéria-prima primordial dos bons cronistas: vísceras. Cada linha precisou sair do seu corpo, porque precisava sair (na mesma medida do “Medo” nos olhos dela ou do sardônico “Flato”), porque é assim que a gente consegue sobreviver, colocando para fora, sentando-se na cadeira, abrindo a tela em branco e cortando na carne. Não é fácil.

Assim como não é fácil perceber esse mundo ao redor. O mundo da pujante capital paulista, cada vez mais excludente e hostil. Porque retratar a angústia do motorista de ônibus, do cobrador exausto, da criança no sinal, do homem decepcionado que vai embora depois de tomar um bolo no bar, não é somente uma polaroide bem tirada. Traduzir esses e muitos outros sentimentos em escrita é absorver um bom tanto de todos esses sentimentos, essas sensações. É trazer para dentro de si, encher os pulmões, deixar correr no sangue, tentar entender estando na pele de cada um retratado ali. E tentar não enlouquecer no processo.

“Corpo”, texto que abre esse livro, é um ótimo exemplo disso. Uma situação cotidiana cada vez mais comum. Mas como se deter para analisar um momento desse e olhar ao redor, se temos que correr para uma reunião, para os boletos que vencem sempre nas sextas chuvosas, se estamos sempre em busca de uma tomada para carregar o celular? Para nos alertar que a vida está bem na nossa cara, temos os cronistas, como Vinicius Novaes.

Em um tempo em que a inteligência artificial produz textos, ressuscita cantoras, deixo uma advertência: o que você vai encontrar nas próximas páginas é a vida. Como ela pode ser bonita, como ela é angustiante, como ela pode ser exaustiva, surpreendente. E com um pé na indignação e no encantamento, seguimos enfrentando enchentes, solidão, medicamentos psiquiátricos, pandemias, confinamentos, Carnaval e liberdades demais, celebrando chegadas, burocracias com finais felizes, despedidas e olhares. Para traduzir isso, precisamos de um olhar humano, somente possível com a inteligência natural de um artista atento como Vinicius Novaes. Siga as páginas, viva a vida por alguns instantes. Não se preocupe com o que deixou passar, Vinicius está por aí, enxergando a cena completa e colocando seu sistema nervoso à nossa disposição em linhas bem traçadas. Abra uma cerveja, o livro, esqueça o cotidiano, em que vivemos como autômatos, cegos, por sanidade ou medo. Boa leitura. Viva.

Alexandre Petillo

Jornalista, escritor e documentarista. Autor de seis livros, entre eles *A Ira de Nasi* e *A Mulher Incrível*, também dirigiu os longas *Você Não Sabe Quem Eu Sou* e *We Need Songwriters*

2019-2022



CORPO

Fazia tempo que o corpo estava caído no asfalto, coberto apenas por um lençol coxo que deixava à mostra os pés pretos sem chão e sem vida. Quando cheguei, já estava lá, disse o dono da banca ao taxista. Mais um? — ele respondeu enquanto folheava as notícias do dia, de pernas cruzadas.

O rapaz, que descera apressado do ônibus, segurava com as duas mãos a mochila que fazia as vezes do guarda-chuva e, talvez por isso, não tenha feito o sinal da cruz quando passou diante do corpo, tal qual a senhora que esperava pela condução. Adiante, um senhor de paletó e gravata, bem alinhado, caminhava em círculos pela praça, segurando um livro e, com o dedo em riste, apontava para ninguém. ‘Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas...’, clamava, eufórico e ineficaz, pois todos que passavam por ali queriam ver o cadáver coberto pelo lençol encharcado.

O garoto, que fugia da chuva, ao cruzar o púlpito do pregador, deparou-se com o corpo sem vida sobre o asfalto molhado e sacou o celular para uma foto, sem se importar agora com as gotas pesadas que vinham do céu. O bêbado surgiu



E-mail:
novaesmoraes@gmail.com





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Granjon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
